



## RESUMO DA PESQUISA

Este trabalho se propõe a fazer uma leitura de parte da obra de Caio Prado Júnior, considerada enquanto fundamental para se compreender o processo de formação do Brasil em suas múltiplas determinações ao longo da história, seja pelo âmbito econômico, seja por sua interação com as relações sociais diversas. O ponto central específico deste trabalho é sublinhar as continuidades do processo histórico que conforma desde a colonização até a industrialização no Brasil – tratando-se do fundamento da realização desta economia, referindo-se ao que conforma a indústria iniciada sobretudo na década de 30 e, posteriormente, no período do pós-guerra. Esclarecendo, nossa tarefa é expor minuciosamente a metodologia, os elementos gerais e específicos e, principalmente, o movimento do autor para elucidarmos como, em sua obra, a indústria expressa, em sua essência, uma reafirmação das relações coloniais.

Neste sentido, tomaremos a linha argumentativa do autor, afirmando o Sentido da Colonização enquanto a linha mestra que define todas as relações construídas em território brasileiro com as Grandes Navegações. Ou seja, cabe-nos perguntar qual o sentido do empreendimento aqui realizado e sua importância para a formação do modo de produção capitalista, para que possamos compreender suas consequências mais profundas no tocante aos laços sociais e à organização econômica gerada aqui. A partir disso, um elemento de suma importância na obra de Caio Prado Júnior é o controle – isto é, a quem serve a organização da produção econômica brasileira, caracterizada em seu núcleo geral pela chamada Grande Lavoura, configurando uma complexa relação entre a grande propriedade latifundiária, o trabalho escravo e a produção de bens primários para exportação.

Discutida, em linhas gerais, a questão colonial, faz-se necessária a compreensão do que representou o processo de emancipação política do território brasileiro, isto é, a vinda da corte portuguesa e a proclamação da independência. Ainda sob a ótica do

controle, o processo de independência fez-se necessário para a continuação do domínio e da exploração do território. As massas populares não tiveram papel organizado no processo, mas, pelo contrário, o que se realizou – e continuará se realizando – foi a manutenção do Sentido da Colonização. Assim, o fim do chamado Pacto Colonial e, portanto, das relações exclusivas com a metrópole, o Brasil se insere nas relações comerciais com outros países de maneira mais intensificada.

Aqui chegamos a um ponto crucial, que é aquele que permeia praticamente toda a obra de Caio Prado Júnior e, conseqüentemente, o sentido deste trabalho: a situação de dependência e subordinação da economia brasileira no sistema internacional a qual está inserida é um elemento que se prende às suas raízes, isto é, constitui o Brasil desde sempre, e mais, motivou e motiva sua formação enquanto país. O imperialismo se liga à pedra angular de organização do espaço econômico brasileiro, encontrando fácil penetração em sua essência colonial.

Em linhas gerais, então, o processo de industrialização na interpretação de Caio Prado Júnior deveria ser a transformação produtiva da economia como um todo com a finalidade de suprir as necessidades e estímulos proporcionados por uma coletividade integrada socialmente e organizada nacionalmente, ou ao menos no caminho desta integração e organização. Entretanto, no processo evolutivo que corresponde a transição da situação de colônia para a nação, há de se destacar dois aspectos essenciais do sistema colonial brasileiro cujas contradições ainda se fazem sentir, revelando uma fundamental continuidade daquela estrutura – Temos, de um lado, o caráter originário desta economia, originada para o atendimento de necessidades estranhas, voltando-se quase que integralmente para o fornecimento de mercadorias a mercados externos; de outro lado, temos as formas de relação de produção e de trabalho que reinam na agropecuária brasileira, além das condições materiais e morais da população trabalhadora que daí se deriva. Desse modo, este trabalho procura descrever em detalhes como a argumentação do autor em questão é construída a fim de que se compreenda o significado do imperialismo na economia brasileira e de que maneira ele possui uma relação íntima com a nossa formação colonial.

## **O FIM DO EXCLUSIVO METROPOLITANO**

Após a leitura, podemos encontrar elementos afirmando que a vinda da família real nos custou um processo de emancipação aquém de qualquer integração da

sociedade de maneira orgânica ou homogênea, no entanto nos possibilitou mudanças estruturais bastante significativas ao permitirem o contato da economia brasileira com outras nações. De início, podemos expor mudanças fundamentais nas exigências da população. Os hábitos das elites se modificam ao terem contato com um certo progresso, desta forma temos um processo complexo de mudança - de um lado, o início do desenvolvimento de padrões de vida alternativos ao *modus* da família patriarcal do grande domínio rural, de outro, há uma demanda criada aqui pela expansão do mercado interno. Posto isso, haveria uma reação dos senhores rurais, fazendo com que se intensifique o comércio exterior para afirmar seu domínio político e econômico, tendo consequências também para o trabalho escravo, o qual assume enormes proporções. Ou seja, além de profundas transformações nos comportamentos de algumas camadas da população, temos, ao mesmo tempo, o aprofundamento do que é fundamental na economia brasileira, isto é, o grande domínio rural e o poder sobretudo político do Senhor de escravos.

Dessa forma, o fim do Exclusivo Metropolitano é tido como um ponto de inflexão, a partir do qual se aprofundam as descontinuidades da estrutura brasileira. Isto é, a abertura da economia ao comércio mundial teria tornado mais agudas as contradições de uma estrutura tal como a estabelecida aqui agora em contato com elementos diferenciados. Desse modo, apesar de significar uma nova forma de inserção nas relações econômicas internacionais, as relações de produção baseadas na força de trabalho escrava e na exploração de produtos primários na estrutura latifundiária se mantinha ainda enquanto estruturadora dos laços sociais.

Aqui chegamos a um ponto crucial, que é aquele que permeia praticamente toda a obra de Caio Prado Júnior e, conseqüentemente, o sentido deste trabalho: a situação de dependência e subordinação da economia brasileira no sistema internacional a qual está inserida é um elemento que se prende às suas raízes, isto é, constitui o Brasil desde sempre, e mais, motivou e motiva sua formação enquanto país. O imperialismo se liga à pedra angular de organização do espaço econômico brasileiro, encontrando fácil penetração em sua essência colonial. Portanto, a forma de dominação sobre a economia brasileira se altera e se expande, justamente por encontrar lugar em suas raízes mais profundas. Assim, afirma Caio Prado Júnior:

A evolução para o capitalismo financeiro que se processa no correr do séc. XIX e que chega à maturação na sua última parte, modificará estas relações primárias e muito elementares entre as grandes nações capitalistas e os demais

povos do universo. Substituiu-se o simples objetivo de vender produtos industriais a ampla expansão do capital financeiro que, sob todas as modalidades, procurará explorar em seu proveito as diferentes atividades econômicas do universo. A economia mundial evolui para um vasto sistema dominado pelo capital financeiro, e disputado pelos vários grupos nacionais que repartem entre si aquele capital. Este sistema em geral em que se enquadrará o Brasil, como todos os demais países e povos, servirá o capital financeiro (ou antes, os diferentes grupos que o detêm) de muitas formas, todas, aliás, ligadas e articuladas entre si: 1º) Permitirá a participação dele em todas as atividades econômicas mundiais, facultando-lhe em maior ou menor proporção a margem de lucros que oferecem; 2º) Abrirá mercados para a indústria nacional respectiva, permitindo sua expansão sem prejuízo da exploração da mais valia interna; 3º) Porá à disposição desta indústria as matérias-primas de que necessita, e cuja produção se espalha fora de suas fronteiras nacionais. (Prado Júnior, Caio, 1969, p. 267).

Aqui cabe uma observação: quanto a natureza da financeirização e sua expressão de maneira geral nas relações capitalistas, a pesquisa não se propôs a trabalhar em detalhes, uma vez que se trata da visão de Caio Prado Júnior sobre a estrutura brasileira. Portanto, vimos em detalhes as consequências deste processo e como ele se liga com o Sentido da Colonização, descrito pelo autor, uma vez que se mostrou mais importante para o tema proposto.<sup>1</sup>

Desse modo, o capital financeiro se organiza aqui em torno da indústria cafeeira, que alimenta um aparelho industrial e comercial complexo, cujos lucros se canalizam para a remuneração dos capitais internacionais que direcionam aqui seu investimento. Aliás, todo setor que se mostra minimamente rentável neste território, passa a ser alvo de inversões do capital internacional para a extração do máximo de lucros. Além disso, o capital internacional realiza operações nos empreendimentos industriais, sobretudo em empresas de serviços públicos, como instalações portuárias, estradas de ferro ou fornecimento de energia elétrica. Caio Prado Júnior argumenta que praticamente tudo o que foi feito neste setor a partir da segunda metade do século XIX só foi possível graças a iniciativa do capital estrangeiro. Desses eventos principais que se seguem a partir do fim do Exclusivo Metropolitano, revelando a forma de inserção da estrutura brasileira na organização industrial, o autor nos mostra um aprofundamento das bases coloniais que se realiza até o século XX, encontrando sua grande expressão no Pós-Guerra com o comando do Capital Internacional. Portanto, os resultados da pesquisa nos mostraram a argumentação do autor em questão, descrevendo o sentido geral do processo de organização da estrutura brasileira inserido naquilo que foi o processo de formação do capitalismo, e, além disso, a forma como este sentido se

---

<sup>1</sup> Para isto ver HILFERDING, R. O Capital Financeiro. São Paulo: Nova Cultural, 1985 e LENIN, V. Imperialismo, Estágio Superior do Capitalismo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

realiza ao longo da história de formas diferenciadas, se expressando em eventos significativos como o processo de Independência e o fim do chamado “pacto colonial”, por exemplo.

### **Bibliografia**

NOVAIS, F. **Caio Prado Júnior na Historiografia Brasileira**. In: Inteligência Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PRADO JR., C. **Evolução Política do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Esboço dos Fundamentos da Teoria Econômica**. São Paulo: editora Brasiliense, 1966.

\_\_\_\_\_. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: editora Brasiliense, 2000.

\_\_\_\_\_. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: editora Brasiliense, 1969.

\_\_\_\_\_. **A Revolução Brasileira**. São Paulo: editora Brasiliense, 1966.